

## TESE SOBRE MOVIMENTO ASSOCIATIVO

(Base de trabalho para a 2ª Declaração da UEC)

1. - O M.A. atravessa uma profunda crise. Generaliza-se aí um clima de provocação e de intimidação. A calúnia e a agressão física são factos correntes.

O funcionamento democrático das suas estruturas é constantemente dificultado. As estruturas do M.A. estão a perder estabilidade, a sua capacidade de decisão e de acção diminui, pois é constantemente desviada para o campo da discussão estéril, sem princípios e sem finalidades.

O M.A. atravessa uma profunda crise porque se afastou das massas estudantis. Corre-se o risco de os estudantes deixarem de sentir o M.A. como a sua organização de massas, necessária e insubstituível e, a esse respeito, podem generalizar-se perigosos sentimentos de descrença e de alheamento.

2. - Diversos factores estão na raiz desta crise. Antes do mais, pela evolução do processo revolucionário no nosso país, já agora muito menor o peso e a importância política do M.A. e de todo o Movimento Estudantil de que a que tiveram na luta pelo derrube do fascismo.

A evolução do processo revolucionário, por outro lado, vem obrigar o M.A. a operar profundas modificações quanto aos seus objectivos e quanto às suas formas de luta e actuação.

SE é certo que o M.A. foi até ao 25 de Abril uma importante trincheira do movimento popular pelas liberdades democráticas, contra a repressão, pelo fim da ditadura fascista, contra as guerras coloniais, que eram claramente as principais direcções de luta, não restam hoje dúvidas, depois das grandes vitórias alcançadas pelo nosso povo, que têm de ser radicalmente novos os objectivos e as direcções a serem prosseguidas pelo M.A.

Igualmente se devem operar profundas transformações nas suas formas de organização e luta.

O grande peso de uma longa experiência de organização nas condições da ditadura fascista, não deve entretar as novas ideias e a sua aplicação e a nova amplitude que deverá ter o M.A. dos estudantes portugueses.

Novas formas de luta significa encontrar a cada momento a melhor forma de ligar a luta estudantil à luta do nosso povo, tomando em conta a alteração da situação política e resistindo à tentação de repetir mecânicamente os processos do passado.

A gravíssima situação do ensino herdada do fascismo, a necessidade de tomar profundas medidas, de medidas radicais nesse campo, o atraso e ambiguidade em que por vezes tem incorrido a política do MDC, os injustos privilégios da actual condição do estudante, a própria composição social das massas estudantis, particularmente na Universidade, são vários factores que têm dificultado a rápida adequação do Movimento Associativo à nova realidade política do nosso país.

Acresce a estes factores a actuação de grupelhos ultra-esquerdistas, que, objectivamente, ou subjectivamente, têm feito o jogo da reacção nas escolas e no M.A. e têm de facto tido a seu lado os estudantes e professores fascistas. Toda a sua actividade concorre para um único fim: retirar as massas estudantis contra o processo revolucionário e dificultar as profundas transformações no sistema do nosso país.

Os seus métodos são métodos fascistas, com profundo desprezo pelo processo democrático e vão desde a provocação à calúnia, desde a chantagem à agressão física, tendo como pano de fundo sistemático o mais feroz anti-comunismo.

Pena é que, no anti-comunismo e a facilitar-lhes a acção, tenham o contributo daqueles que, por desajeitada miopia política, joguem no aprofundar da crise do M.A., como maneira de aumentar a sua influência partidária.

3. - Provocar a desagregação do M.A. ou encontrar a forma de o reforçar e de reforçar a sua importância é uma questão política importante.

A primeira solução serve as forças reacionárias porque significa desorganizar as massas estudantis, retirar-lhes o mais importante instrumento de participação no processo revolucionário e colocá-los à margem das profundas transformações do nosso país.

Todas as tendências de liquidação do M.A. ou de capitulação, derivadas das dificuldades actuais ou de posições oportunistas servem a direita reacionária e poderão ter graves consequências.

A segunda solução, reformar o M.A., serve os interesses do nosso povo e os interesses dos estudantes portugueses.

A UEG, na perspectiva do futuro, bate-se pelo reforço do M.A., dada a extrema importância que tem e continuará a ter a existência dum movimento unitário, organizador da acção colectiva dos estudantes portugueses e defensor dos seus interesses colectivos.

A UEG combaterá tenazmente todas as tentativas de lançar a juventude estudantil contra a luta do nosso povo, ou de tentar colocá-la à margem do processo revolucionário.

4. - A participação de todos os estudantes no M.A., será o factor decisivo que possibilitará vencer a crise actual, que poderá prestigiar-lo aos olhos dos estudantes e aos olhos do nosso povo, que poderá caracterizar com veracidade as suas potencialidades e os seus limites.

Pôr o acento tónico em tudo o que une as massas estudantis e não no que as divide, deverá ser cada vez mais uma preocupação constante dos estudantes comunistas e de todos os estudantes, exercida com tenacidade e vigilância, porque não há panaceias para vencer as dificuldades do M.A.

5. - É possível a unidade dos estudantes portugueses em torno de grandes objectivos políticos progressistas.

Participar no processo de transformações democráticas da sociedade portuguesa, desenvolver a solidariedade com todos os povos do mundo contra o fascismo, o colonialismo, o imperialismo, são pontos efectivos de unidade.

Todavia, terão que ser obviamente limitados esses pontos de unidade que não se confundem nem são um programa partidário.

A grande diversidade de posições políticas no meio estudantil impõe por si só as características apartidárias do M.A.

O debate ideológico poderá contribuir para a clarificação dos pontos de unidade política, se for virado para a acção, mas os intermináveis monólogos dos professores de revoluções nada adiantarão e, consentir-se na provocação e na calúnia como método de discussão, será cavar cada vez mais o fosso da divisão política nas escolas.

Os estudantes poderão unir-se politicamente, sim, mas na acção em torno de iniciativas concretas, unidade mais útil decerto do que palavras e mais palavras.

O reforço da unidade entre as organizações políticas partidárias existentes no meio estudantil, que estão interessadas no avanço do processo revolucionário, repercutir-se-á também positivamente no seio do M.A.

A UEC desenvolve e continuará a desenvolver esforços também neste sentido.

6. - Une os estudantes portugueses a vontade de proceder a profundas transformações democráticas do ensino, de proceder à realização de uma Reforma Geral e Democrática do Ensino.

Este é um objectivo geral do nosso povo a que os estudantes poderão dar cada vez mais um importante contributo.

Trata-se de aplicar soluções de fundo que actuem sobre a raiz dos problemas e não soluções de remendo que degradem ainda mais a situação do ensino e que conduzem inevitavelmente à sua paralização.

Também neste ponto os estudantes estão unidos.

7. - Um vastíssimo campo na prestação de serviços se abre à intervenção do M.A., concentrando esforços na resolução dos problemas sociais dos estudantes, designadamente no alargamento das obras sociais escolares (habitação, alimentação, saúde, etc...).

Através do M.A. as massas estudantis poderão intervir na definição da política de assistência social, poderão participar na gestão de organismos estatais para o efeito, nomeadamente os Serviços Sociais.

Trata-se de uma direcção de trabalho cuja importância é agora extremamente grande e em que as AAEE terão um papel insubstituível no interesse colectivo dos estudantes.

8. - É igualmente do interesse colectivo dos estudantes portugueses a criação de uma verdadeira cultura, desporto e convívio de massas, reflectindo as realidades do país, projectando-se para as massas populares, actividades essas que darão uma contribuição decisiva para a formação da nova juventude.

Só um movimento com as características do M.A. poderá cumprir com êxito um tal projecto.

9. - As AAEE estreitarão os seus contactos com outras organizações das massas populares, incentivarão as ligações entre as massas estudantis e o povo, porão termo ao isolamento estudantil, porque organizarão em aperfeiçoado grau a participação colectiva dos estudantes em toda a vida social.

10. - O desenvolvimento de actividades de participação colectiva, culturais, desportivas, de convívio, de resolução dos problemas sociais, de participação na actividade social em grandes tarefas cívicas, contribuirão para a educação democrática dos estudantes, entendida não só como o conhecimento das regras de funcionamento democrático, mas sim na sua totalidade, como a prática da resolução colectiva dos problemas.

Se o papel a desempenhar pelo M.A. como educador democrático da juventude estudantil deve estar sempre presente, ele torna-se um ponto essencial no Ensino Secundário.

rio, onde, dada a idade e a formação dos estudantes é extremamente importante a sua educação em formas de intervenção colectiva que os preparem para a participação no processo democrático e nas novas formas de vida que forçosamente gerará.

11. - A organização e estruturação do M.A., apresenta hoje novos problemas que competirá aos estudantes no seu conjunto resolver.

O principal dos quais é a aplicação do princípio da democraticidade, condição vital para a existência do M.A., dela resultará também a clarificação e o cumprimento dos outros princípios.

Trata-se de defender a capacidade de decisão democrática e o cumprimento rigoroso de medidas decididas no seio do Movimento Associativo, considerando não apenas as formalidades, que a experiência demonstra poderem ser muitas vezes viradas contra a sua própria finalidade, mas considerando também que se trata de uma questão política central para a própria existência do M.A.

A vigilância e participação das massas estudantis serão aqui o factor decisivo, mas deve ser elaborada e adoptada legislação que regule com o máximo rigor a prática da democracia interna em toda a vida associativa.

Em segundo lugar importa definir com clareza porque é que o M.A. é apartidário e sob que forma será defendida em princípio.

Esta questão reveste-se de grande actualidade num momento em que é livre e intensa a actuação de organizações políticas partidárias no meio estudantil.

Até por estas razões a existência deste princípio não pode ser posta em dúvida se queremos um Movimento Associativo unitário e de massas mas deve ser discutida a natureza, os limites e a regulamentação do mesmo.

O grau de estruturação do M.A. é neste momento insuficiente para responder a duas ordens de exigências:

- Por um lado, dar-lhe estabilidade e permanência sem estar sujeito a flutuações e arbitrariedades sucessivas, por outro lado, responder com eficácia nos mais diversos campos em que deve actuar, nomeadamente em direcções de trabalho de importância nacional.

A cada um dos níveis de actuação do M.A. dos estudantes devem institucionalizar-se estruturas funcionais, devem buscar-se as soluções mais democráticas e mais eficazes.

A UEC combate as tendências anarquizantes que ultrapassam a organização e a estruturação, recorrem por sistema ao "basismo" que mais não conduz à desmobilização das massas, à imposição burocrática das minorias e das suas próprias decisões.

A UEC combate o cupulismo e burocratismo, traduzido em estruturas fortemente dirigidas, completamente isoladas da massa estudantil e desconhecendo os seus anseios reais.

Em todo o plano de estruturação do M.A. avulta a necessidade de criação de uma UNEP, profundamente democrática e interveniente.

Se durante toda a história do M.A. foi profundamente sensível esta necessidade, hoje ela entra pelos olhos dentro.

Não há verdadeiramente argumentos de boa fé contra a sua criação naqueles moldes, de tal modo é evidente que a UNEP será uma arma decisiva e extremamente forte nas mãos dos estudantes portugueses.

Estar a favor ou contra a UNEP significa estar a favor do reforço do M.A. ou con-  
tra, significa querer que os estudantes se organizem e se unam ou se dividam, signifi-  
ca querer que os estudantes sejam sujeitos activos do Portugal futuro ou tomar o  
futuro.